



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SALVADOR: UM NOVO OLHAR SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Raiza Calasans Modesto¹

Resumo: Essa produção acadêmica é sobre as estratégias de sobrevivência utilizadas pela população em situação de rua no bairro do Pelourinho, Salvador-BA. O seu objetivo é compreender as formas que eles utilizam para se alimentar; abrigar; se proteger e quais políticas públicas que as assistem. A base teórica está no debate sobre pobreza e proteção social. Foram realizadas três entrevistas com pessoas de idades entre 27 a 54 anos que tiveram a trajetória da adolescência em situação de rua. Os resultados apontaram que diversas são as estratégias utilizadas por essa população, sendo utilizado o trabalho informal como principal meio de sobrevivência, em seguida ficam os pedidos de esmolas e por fim os pequenos delitos.

Palavras-chave: Situação de rua; proteção social; estratégias de sobrevivência.

Abstract : This academic production is about the survival strategies used by the population in street situation in the district of Pelourinho, in Salvador city. The objective is understand the shapes that they do for food, to shelter, to protect and what public polices that providing support. The teoric base this production is in the debate about poverty and social protection. Were realized three tentatives with people between 27 to 54 years old that had in the adolescence phase in street situation. The results pointed that many are the strategies used by the residents, being utilized the informal work as principal means of survival, after are the seeking alms and small transgressions.

Keywords: Street situation; social protection; survival strategies.

I INTRODUÇÃO

São vários os fatores que influenciaram na evasão de pessoas de suas residências para as ruas das micro e macros cidades brasileiras. Podemos defini-los como fatores internos (violência física, violência psicológica e violência sexual) e/ou fatores externos (desemprego estrutural; fome; pobreza).

Na cidade de Salvador-BA, mais precisamente no Pelourinho, existe um aglomerado de pessoas vivendo em situação de rua. Desse modo, várias são as formas de sobrevivência: pedir esmolas no centro histórico, principalmente nas portas das igrejas; engraxar sapatos; vender balas e/ou outros objetos em ônibus ou nas

¹ Estudante de Pós-Graduação. Laureate International Universities – UNIFACS, E-mail: raiza.seso@outlook.com.

ruas; fazer malabarismos nas sinaleiras; vasculhar as latas de lixos em busca de alimentos ou cometem pequenos delitos.

Portanto, foram traçados alguns objetivos para nos aproximarmos da realidade na qual estão esses sujeitos, de modo a compreender e analisar quais são as estratégias adotadas para sua sobrevivência enquanto pessoa em situação de rua e por fim conhecer especificamente as estratégias relacionadas ao trabalho e obtenção de renda.

Procurou-se através dessa investigação colher dados que contribuíssem para uma produção acadêmica que impulsionasse investigadores a explorar mais o tema das pessoas em situação de rua na cidade de Salvador-BA, mais precisamente no bairro do Pelourinho, pois os periódicos disponíveis são insuficientes para um assunto tão amplo.

A aproximação com a temática deu-se por algumas motivações: a primeira motivação foi através da observação da “gritante” desigualdade social gerada pela relação de exploração capital x trabalho. Em Salvador, principalmente no Pelourinho, é muito nítido quem são os habitantes dos logradouros públicos, aqueles que são repreendidos pelos órgãos públicos. Foram através dessas observações que a inquietação aumentou, impulsionando uma trajetória investigativa pelo tema.

A segunda motivação deu-se por compreender que através da pesquisa bibliográfica e exploratória é possível haver implantação e implementação de políticas públicas para pessoas em situação de rua na capital baiana. E por fim, a terceira motivação foi o anseio por compreender quais são as estratégias de sobrevivência utilizadas pelos adolescentes no bairro do Pelourinho e a partir do resultado da pesquisa repensar sobre esse fenômeno e suas diversas heterogeneidades.

II A QUESTÃO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL

Historicamente, os fatores estruturais foram os marcadores principais que determinaram o fenômeno da população em situação de rua. As mudanças econômicas no país, o crescimento do exército industrial de reservas devido à inexistência de trabalho e renda, a ausência de moradia muitas vezes ligada a desastres ambientais (terremotos, inundações, deslizamentos de terra), sem falar nos fatores biográficos que envolvem o rompimento de vínculos familiares devido ao uso abusivo de substâncias psicoativas, violência, mortes de membros da família reforçam

as múltiplas determinações que caracterizam este público. Segundo Silva (2006), estes são os fatores mais citados nas produções teóricas contemporâneas: fatores estruturais, fatores biográficos e fatos da natureza.

Em cada país, os desdobramentos desse fenômeno se deram de modo diferente e íntimo, havendo de comum a existência da questão social. Apesar de haver variações históricas e suas particularidades em cada década e localização, a população em situação de rua no Brasil só passou a ser “reconhecida” recentemente.

Segundo Silva (2016), existem três formas de população: a flutuante, a latente e a estagnada. Essa primeira se assemelha às condições de vida da população de rua, pois além de terem idade mediana, há um grande movimento desses trabalhadores que na maioria das vezes são repelidos pelos centros industriais, ou são absorvidos por eles.

No contexto atual, a localização urbana demarca um dos aspectos da população em situação de rua, principalmente nas grandes capitais, na qual estão presentes os centros industriais. Isso se dá devido à facilidade de circulação do capital comercial nesses espaços, as ofertas de trabalhos informais oferecidas, possibilitando a geração de renda por iniciativa própria. Uma das formas mais comuns adotada por pessoa em situação de rua como meio de subsistência, segundo Silva (2006), é o recolhimento de materiais recicláveis que diariamente são descartados, como lixo urbano, sendo aproveitado pelos catadores a fim de conseguir o seu sustento.

Apesar de existir em toda a capital baiana pessoa em situação de rua, a sua concentração tende a ser maior na cidade baixa e próximo ao centro histórico devido ao forte fluxo comercial presente nessas áreas.

[...] De acordo com os entrevistados, a concentração nessas áreas se dá, principalmente, por conta da possibilidade de exercer atividades remuneradas, em função do grande fluxo das atividades comerciais e de serviços existentes naqueles bairros, como: realizar coleta de materiais recicláveis, guardar carros, prestar serviços aos lojistas e, em alguns casos, pedir ajuda. Nesses locais, a maioria dos serviços de abrigamentos acontecem, além de projetos (públicos e da sociedade civil) direcionados para a população de rua o que também contribui para a concentração dessa população nesses espaços. (MIRANDA, 2015, p. 2619)

Dessa forma, vemos as similitudes da capital baiana com as diversas capitais do país no aspecto de concentração da população em situação de rua nos centros comerciais e no seu modo de estratégia de sobrevivência.

Analisando a capital baiana, pode-se dizer que por ser a cidade mais populosa da Bahia, talvez este fenômeno esteja em maior escala no Estado. Embora existam dados quantitativos que comprovem o seu crescimento de 21.130 somente no ano de 2016, (dados relatados a partir da contagem do Projeto Axé) estas pessoas não são

tão vistas, pois ocupam espaços distantes dos pontos turísticos ou de bairros abastados. É muito recorrente isto acontecer em períodos no qual a capital baiana recebe consideravelmente um contingente de turistas, como ocorre no período de carnaval ou como foi na copa do mundo de 2014 que um dos jogos foi sediado na capital. Segundo Miranda (2015) neste período foram implantados alguns equipamentos (abrigos, albergues) para a população em situação de rua pelo governo do Estado, a fim de higienizar os bairros elitizados de Salvador, no entanto, após a copa do mundo, muitos destes serviços foram extintos.

Esse público estigmatizado por ocuparem as ruas, são os mesmos que estão desassistidos pelo Estado, culpabilizados pela sociedade civil e por se encontrarem nesta situação, muitas vezes são alvos de massacres e perseguições de órgãos públicos.

2.1 Políticas de Proteção Social para a População em Situação de Rua

A naturalização do fenômeno população em situação de rua é algo permanente na sociedade capitalista, juntamente com seus estigmas e preconceitos. Desse modo, as políticas sociais universalizantes para este público é quase inexistente, em contrapartida a exigência e culpabilização do sujeito por estar nesta situação cresce cada vez mais.

[...] Essa tendência conduz ao enfrentamento do fenômeno como um processo natural da sociedade moderna, que deve ser amenizado, controlado, para não comprometer a ordem burguesa, ou ainda como resultante dos traços invariáveis da sociedade humana e não como um produto das sociedades capitalistas. É, portanto, uma tendência que atribui aos indivíduos a responsabilidade pela situação em que os mesmos se encontram, isentando a sociedade capitalista de sua reprodução e o Estado da responsabilidade de enfrentá-lo. (SILVA, 2006, p. 95)

A ausência no cumprimento de direitos, de atenção por meio do Estado, tem corrompido a esperança das pessoas em situação de rua, que estão arraigados na extrema pobreza. De acordo com a Lei Orgânica da Assistência Social de N°8742, a assistência social é um direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. Porém, não é dessa maneira que temos visto a execução dessa lei no nosso país.

A política agora é feita no mercado. Só que esse mercado global não existe como ator, mas como uma ideologia, um símbolo. Os atores são as empresas globais, que não têm preocupações éticas, nem finalísticas. (SANTOS, 2008, p. 67)

Um dos marcos históricos mais importantes do século XX, no Brasil, foi a Constituição Federal de 1988, a qual tem, como fundamento, os princípios existentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 que afirma a dignidade do Homem como finalidade primordial dos direitos humanos, não podendo ser violado. A sua base está firmada em vários aspectos: jurídicos; políticos; econômicos; culturais; sociais e civis.

Os direitos civis são representados pela vida, segurança, propriedade e liberdade. Sabendo que na abertura de Declaração Universal dos Direitos Humanos, uma das declarações da Organização das Nações Unidas (1948) foi dizer que “todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos”, podemos perceber que há um público específico que seja assistido por ela, pois sabemos que nem todos são reconhecidos em dignidade e direitos.

Apesar do desenvolvimento e execução dessas leis e princípios se darem de forma tímida, não podemos deixar de reconhecer que houve algumas conquistas após mobilizações desse segmento que vale destacar: foi instituído pelo Decreto de nº 7.053/2009 à Política Nacional para a População em Situação de Rua com o objetivo de garantir diversos direitos. Foi também a partir desse decreto que a definição conceitual para nos referirmos a este fenômeno foi modificado. Segundo Miranda (2015), esse novo conceito visa a dois objetivos: o primeiro é “quebrar” o estigma nos termos, mendigo, morador de rua, vagabundo; o segundo preconiza que todos os que estão presentes nas ruas, irão sair dela.

Somente com a Política Nacional para a População em Situação de Rua, houve a garantia, por meio do governo Federal, da efetivação dos direitos políticos, econômicos, sociais desta população. Para isso, deu-se uma significação para o fenômeno rua.

A rua pode se constituir num abrigo para os que, sem recursos, dormem circunstancialmente em logradouros públicos ou pode indicar uma situação na qual a rua representa seu habitat, propriamente dito, onde encontra-se estabelecida uma intrincada rede de relações. O que unifica essas situações e permite designar os que a vivenciam como populações de rua é o fato de que, tendo condições de vida extremamente precárias, circunstancialmente ou permanentemente, utilizam a rua como abrigo ou moradia. (Secretaria Nacional de Assistência Social, p.8)

Embora haja alguns avanços em relação às políticas de proteção para a população em situação de rua no Brasil, e grande número de abrigos públicos concentrados na região Nordeste, ainda assim é insuficiente para quantidade de pessoas que habitam nas ruas. Ao nos referirmos a capital baiana, a realidade é muito

mais “gritante”, pois os albergues, abrigos não os comportam, sendo que das três públicas existentes, uma está desativada.

No Nordeste, os abrigos públicos estaduais representam aproximadamente 1/4 das entidades pesquisadas na região (24,1%), ou seja, quase o triplo da média nacional. Mantém-se aproximadamente a mesma proporção do total nacional para as instituições não-governamentais, reduzindo-se à metade o percentual de instituições públicas municipais (10,7%), o que pode indicar que as diretrizes de municipalização da política de atendimento estão menos consolidadas nessa região. (SILVA e MELLO, 2004, 76)

Quadro 1 - Unidades de Acolhimento na cidade de Salvador-BA

Equipamento	Endereço	Início	Período de acolhimento	Capacidade	Situação 2015
Casa de Pernoite	Rua Frederico Pontes, Roma	Anterior a 2012	24 horas	100	Fechou em outubro de 2014
Albergue Noturno	Rua Frederico Pontes, Roma	Anterior a 2012	6 meses	50	Fechou em outubro de 2014
Abrigo D.Pedro II	Av.Luis Tarquino	Anterior a 2012	Sem período	100	Em funcionamento
Unidade de Abrigamento-Pau da Lima	Av. Aliomar Baleeiro, Pau da Lima	2013	6 meses	50	Em funcionamento
Unidade de Abrigamento-Itapuã	Av.Dorival Caymi, Itapoan	2013	6 meses	50	Precária/março 2014

Fonte: PMS, 2014: Elaboração: Miranda (2105)

Fazendo uma análise do quadro acima, podemos observar que dos equipamentos ofertados tanto pelo governo do Estado e Município, na cidade de Salvador, a demanda é muito maior que os serviços prestados, havendo assim um déficit nestas unidades de acolhimento, pois de cinco apresentados no quadro, apenas três estão em funcionamento, sendo que uma delas funciona de modo bastante precário. Embora, recentemente tenha sido implantada novas unidades de acolhimento em Amaralina, San Martim e Vasco da Gama, a oferta é muito menor que a procura e com os fechamentos de alguns desses serviços, o que tem ocorrido é a superlotação daqueles que ainda estão em funcionamento.

III A PESQUISA DE CAMPO

3.1 As gerações e a permanência nas ruas

A infância é o período da vida do ser humano que se pode considerar como uma das fases mais importantes para o melhor desenvolvimento da vida do ponto de vista da formação do sujeito. É na infância que a criança apresenta seus primeiros passos, desenvolve a fala, reconhece as pessoas que estão no seu ciclo de convivência, se insere nas relações sociais.

O cuidado e proteção das crianças e dos adolescentes são delegados para a família, sociedade, comunidade e Estado, porém a responsabilidade maior tem sido sempre da família, considerada a maior instituição social.

Família é, para nós, considerado como uma referência, que possui códigos de obrigações próprios sendo também uma linguagem através da qual as pessoas traduzem o mundo onde vivem. Ao nascer, é a família que faz o elo de ligação entre nós e o mundo. Pensemos então, como fica esse nosso elo quando não somos bem-vindos em uma família desde o nosso nascimento. Muitas famílias de baixa renda não têm o que comer, moram em condições precárias, convivendo com os ratos, sem falar da total deficiência de saneamento básico. (Estivalet, 2011,p. 12)

E o que fazer quando esta instituição não tem condições de proteger suas crianças e adolescentes, por diversos fenômenos, inclusive aqueles relacionados a questões estruturais que são totalmente expressos nas vivências das famílias mais pobres, como desemprego, falta de acesso à educação, moradia de risco?

O processo de habitar nas ruas vem carregado de desconfiança, dor, medo, tristeza, abandono e muita coragem, pois tomar a decisão de sair das suas residências para um local totalmente exposto, não é algo fácil. São dias longos e sombrios, do qual se deve proteger para garantir sua sobrevivência, porém, agora em um novo espaço.

Os entrevistados chegaram nas ruas ainda na infância, exceto o senhor Botão que já passou a compor a população em situação de rua na sua transição da infância para adolescência, aos seus treze anos de idade. Eles passaram a desenvolver cada um suas estratégias para conseguir interagir nas ruas e se protegerem dos grupos rivais.

Quadro 1- Perfil dos entrevistados

NOME	SEXO	RAÇA/COR	IDADE DE INSERÇÃO NA RUA	IDADE ATUAL	ESCOLARIDADE
Flor	Feminino	Negra	10 anos	31 anos	Ensino médio incompleto
Botão	Masculino	Negro	13 anos	54 anos	Ensino

					fundamental incompleto
Cravo	Masculino	Negro	8 anos	27 anos	---

Observando o perfil dos entrevistados, verificamos que não há uma diferença forte no período de inserção na vida nas ruas. O nível de escolaridade variou bastante, pois a senhora Flor estudou até o ensino médio, embora não tenha concluído. Já o senhor Botão, fez até o fundamental, pois depois desse período ele tomou a decisão de sair de casa. O senhor Cravo não quis mencionar a escolaridade. Todos são negros e se reconhecem como tal. Na questão do sexo, apenas uma era mulher.

3.2 A perversidade da violência estrutural

A perversidade da violência estrutural faz com que vínculos afetivos e familiares sejam rompidos. Existem vários meios para que isto aconteça, pode ser através do desemprego que muitas vezes impulsiona pessoas a migrarem para outros territórios na tentativa de algo a curto ou longo prazo que garanta sua sobrevivência. Seja pelas diversas formas de violência como citado no item anterior.

De acordo com os fatos expostos pelos entrevistados, nas ruas esta violência estrutural se demarca de modo ainda mais latente e perverso, pois os indivíduos que se encontram em situação de rua chegaram na margem da pobreza extrema, por isso, é necessário se utilizar de estratégias de sobrevivência nestes espaços, seja para saciar a fome, higiene pessoal e/ou até mesmo para garantir o seu lugar de abrigo nos logradouros.

O primeiro contato com a rua é assustador. Garantir sua sobrevivência ali enquanto criança em transição para a adolescência é bastante doloroso. O senhor Botão não hesitou em contar como foi a sua primeira experiência ali naquele lugar:

“[...] A rotina na rua, conviver na rua, como eu quando entrei foi com treze anos, cê tem que entender que lá não tinha só eu, eu já encontrei um milhão lá dentro e eu entrei no meio do grupo. [...] você vai chegar sem fala,vai chegar mudo.Se você não era dali,você nunca teve em lugar nenhum fora,com aquela companhia,então você vai...é a mesma coisa,quando você começa a estudar,você vai fazer o quê? Aprender! É a mesma coisa: quando a pessoa sai do meio da sociedade que eu saí quando era criança e caí no meio da escuridão da vida,eu cheguei leigo,sabe? Sem conhecimento, sem saber onde era que eu ia, tremendo mais que uma vara verde. Aí, a rua quando ela vê uma tremedeira, é porque você não tem prática,

não tem conhecimento, não é envolvido, não em nada, você é laranjão”.

O relato da senhora Flor ao falar da sua primeira experiência com a rua aos dez anos de idade é afirmando o que o senhor Botão disse em outras palavras. Segundo Flor, na rua, um tem que ter a visão do outro, caso contrário, as relações entram em conflito. “[...] um ajudar o outro na rua, porque se a gente não ajudar o outro, eles ali de cima vai querer pegar a gente e se nós não se unir, quem vai ajudar a gente?”.

Há similitudes nos dois relatos quando afirmam a necessidade de se unir a um grupo para socialização e proteção. Além disso, tem a questão de observar o espaço primeiro para então se inserir totalmente nele.

Eles não negam a violência que sofreram durante a trajetória da adolescência na rua. Afirmam que apanharam muito para aprender como deve se portar neste espaço, que a vingança ou justiça se dá por meio deles mesmo:

“[...] a rua, ela não dá queixa, ela faz vingança. Entendeu? A sociedade ela dá queixa, denuncia. A rua não denuncia ninguém, a rua evita ,executa, faz a cobrança. Entendeu? Por isso mesmo, às vezes a pessoa diz assim: ah, é fulano. Se ele morreu pela mão da rua,deve tá pagando o que ele fez,alguma coisa que ele assumiu e não se responsabilizou,não manteve a responsabilidade de ir e vir, ele só quis ir adquirir e não teve como voltar pá se responsabilizar, aí a pessoa paga, porque lá ninguém dá queixa. E que grupos rivais entram em conflito e apenas um vence.

No aspecto alimentação, os meios utilizados por eles no período da adolescência foram diversos: pedir comida nas portas dos estabelecimentos; fazer alguns tipo de “bicos” e roubar os estabelecimentos. Senhor Cravo afirmou que é fácil se alimentar na rua, só precisa que a pessoa não seja preguiçosa, pois é necessário trabalhar.

O senhor Botão utilizava outra estratégia, segundo ele:

“[...] Todo dia, deu a hora do almoço, aí vai passar naquela lanchonete ou naquele restaurante, aí passa outros usuários de rua, aí já diz não, aqui é...o grupo de fulano, com pertano, de ciclano, ciclano, ciclano, então eles já não dão aquela alimentação pra outros. Por que que eles não dão? Porque nós vai fazer a freguesia, fazer o ponto do local. O que é que a gente vai fazer? Não é só comida que eles dão, a gente...aí,como eu to

dizendo,tem esse detalhe: pra gente pegar a comida,a gente vai fazer o quê? A gente recebeu. Se você é dona daquele restaurante,você deu aquela comida pra gente,sempre não vai um,vai quatro, cinco, seis de vez, de meia uma dúzia.Você atendeu a primeira vez, atendeu a segunda, a gente já vai pagar com a bondade,pra segurar essa freguesia.Como é essa bondade? A gente já vai pegar, conversar com aquele pessoal do restaurante, a direção, coordenação ou ao que for. Tá precisando de ajuda de mais da gente? Assim,assim,assim. Os materiais, os lixos, o entulho, qualquer coisa que você tiver aí,a gente não vai cobrar nada, a gente já tá pagando, tirando daí de dentro através da alimentação que nós está recebendo. Entendeu? aí limpa o ponto, aqueles locais fica limpo porque a pessoa fica de portas abertas.”

E por fim, ao ser reportado o questionamento sobre como é para fazer a higiene pessoal nas ruas, nenhum dos entrevistados demonstraram dificuldades para tomar banho no período em que viveu nas ruas durante a adolescência. As formas para se higienizar foram variadas, porém todos tinham essa prática.

A senhora Flor utilizava as fontes para banhar-se. Geralmente eram os chafarizes que estavam localizados na Preguiça e no Gravatá. O senhor Botão fazia sua higiene pessoal nos postos de gasolina, ele relatou que pegava garrafa pet, enchia, umedecia um pano e passava no corpo. Não era um banho com água corrente.

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho sobre estratégias de sobrevivência das pessoas em situação de rua foi elaborado devido ao anseio em investigar quais os meios utilizados por essa população para se manterem vivos diariamente na capital baiana. A partir do problema social observado, foram levantadas pesquisas bibliográficas e de campo para compreender o significado do fenômeno população em situação de rua, e os diversos fatores que contribuíram para sua situação social atual.

O capítulo dois contextualiza quem é essa população em situação de rua; quais suas principais características; qual sua maior área de concentração. Além disso, é levantada uma análise sobre quais os dispositivos de abrigamento que acolhem esse público; quais as políticas públicas que as assistem e são executadas com vigor.

O capítulo três retrata os métodos utilizados para aprofundar os conhecimentos acerca do problema levantado na pesquisa para que então pudesse iniciar a pesquisa de campo exploratória. A princípio foi utilizada a revisão bibliográfica para nos aproximarmos do tema, tendo embasamento tanto nos métodos qualitativos quanto nos quantitativos, pois os dois se complementam, o primeiro tratando das relações humanas e subjetivas, e o segundo de modo mais concreto e objetivo.

Somente após o percurso do levantamento bibliográfico e rede de contatos, que fomos então a campo. Através das riquezas subjetivas presente no fenômeno foi pensado em um roteiro de entrevista semiestruturada com uma pergunta central: como é sua vida? E a partir desse questionamento observamos toda uma trajetória de vida antes da rua e no período da rua.

A instituição acolhedora foi o Movimento População de Rua, que fica localizada no bairro Pelourinho. Por ser uma instituição que assiste à população de rua adulta, as entrevistas foram voltadas para o público adulto e só pode ser desenvolvida através do contato dos profissionais do movimento com os entrevistados.

V REFERÊNCIAS

ESTIVALET, A.G. Da infância à juventude: a trajetória dos “sem lugar” que vivem nas ruas de Porto Alegre. **Poiésis**, Santa Catarina, 2011. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/711/773>. Acesso em: 09 fev. 2018.

MIRANDA, N.C.J. PEREIRA, G.C. **População de rua em Salvador-Ba:** reflexões sobre o espaço urbano e o direito à cidade. Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/8/253.pdf>>. Acesso em: 08 abr.2018

SILVA, M.L. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005.** Brasília, 2006.

SILVA, E.R.A; MELLO, S.G. Um retrato dos abrigos para crianças e adolescentes da rede sac: características institucionais, forma de organização e serviços ofertados. **O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil.** Brasília, 2004.